

A SUBJETIVIDADE DA MISÉRIA EM QUARTO DE DESPEJO

THE SUBJECTIVITY OF MISERY IN A DUMP ROOM

Antônio Carlos Torres de Souza Neto (UFPI)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a persistência da miséria na construção de um relato autobiográfico representativo da subjetividade em vários elementos que compõem o cotidiano da escritora Carolina Maria de Jesus, moradora da atualmente extinta favela do Canindé- São Paulo- na sua obra-prima “*Quarto de despejo- o diário de uma favelada*” publicada em 1960. A autora traz para a obra sua biografia marcada por caracteres incomuns (pelo menos para o contexto em que se enquadra) de uma mulher, negra, favelada, mãe solteira de três filhos pequenos, catadora de papel e semialfabetizada.

Palavras-chave: Quarto de despejo; Autoficção; Subjetividade

Abstract: The purpose of this paper is to analyse persistence of the misery in order to build an autobiographic, subjective in many elements which produce a daily routine about the writer Carolina Maria de Jesus, residente in the extinguish favela called Canindé in the state of São Paulo her masterpiece novel “*Quarto de despejo- diário de uma favelada*” published in 1960. The author brings in this book her biography filled with uncommon characters (at least about the context of the novel) a black woman, single mother with three small children, a waste picker and semiliterate.

Key-words: Dump room; Autofiction; Subjectivity

Quarto de despejo- Diário de uma favelada é uma edição de vinte diários de Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento-MG, catadora de papel, negra, semianalfabeta, mãe de 3 filhos pequenos com os quais mora sozinha num minúsculo barraco na primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê.

O livro conta um detalhado relato da duríssima realidade vivida por favelados da Canindé na década de 1950: os costumes, a violência, os vícios, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida. Tudo isso criando uma atmosfera de opressão aos personagens jamais vista com tal tonalidade em toda a Literatura brasileira.

Na edição de 2018, temos ao todo o recorte de 261 dias espaçados entre julho de 1955 e janeiro de 1960. São relatos que apresentam numa densa viagem o universo de sobrevivência miserável de Carolina Maria de Jesus e de seus vizinhos de favela.

A partir de contribuições teórico-metodológicas de estudiosos como Philippe Lejeune (2008) e de Ecléa Bosi (1994), dentre outros, tentar-se-á desvendar como as múltiplas e persistentes adversidades de sobrevivência em condições de total marginalidade interferem ou mesmo contribuem para o afloramento de uma subjetividade autoficcional na escrita de *Quarto de despejo*.

¹ Mestrando de Literatura do PPGEL da UFPI; Desenvolve pesquisas na área de Literatura Fantástica, Literatura Comparada, Teoria Literária, Literaturas Clássicas, Semiótica e Ensino de Língua Inglesa.

Extensa tem se mostrado a crítica acerca da referida obra em muitos aspectos, ressaltando-se o fato de esta constituir um caso raro em toda a nossa literatura brasileira dadas as suas condições de surgimento, seu teor e sua repercussão. Tendo por isso sido traduzida para mais de dez línguas e ser objeto de estudo em disciplinas acadêmicas de universidades internacionais.

Na busca pela comprovação de ser a subjetividade impulsionada pela miséria um elemento determinante de construção autoficcional em *Quarto de despejo- o diário de uma favelada* é que se pauta este artigo, ou seja, nosso objetivo aqui é examinar a relação entre esse contexto de vulnerabilidade agravado pela miséria e uma autobiografia construída por alguém que vai na contramão do que é oferecido pela favela. Nesse sentido, trouxemos alguns fragmentos de *Quarto de despejo* que nos servirão de corpus.

Contudo, antes que passemos adiante, faz-se necessário abordar alguns termos que irão pautar este estudo, tais como, por exemplo, Subjetividade. Segundo o dicionário Aurélio - online - Subjetividade é o caráter do que é subjetivo; adj. Que diz respeito ao sujeito. / Que se passa no íntimo do sujeito pensante (por oposição a objetivo, que diz respeito ao objeto pensado). / Que varia de acordo com o julgamento, os sentimentos, os hábitos etc. de cada um; individual (...). Nestes termos, a subjetividade engloba todas as particularidades inerentes à condição de ser do sujeito, envolvendo as capacidades sensoriais, afetivas, imaginárias e racionais de um determinado indivíduo, em todas as suas expressões.

Kluger (2009,p.24), a esse respeito, afirma: “A autobiografia, sustento, é a forma mais subjetiva de historiografia. É história na primeira pessoa do singular. Por necessidade, contém informação que não pode ser comprovada”. [...] De fato, a autobiografia situa-se na fronteira que divide a história e a literatura imaginativa.

Já Bosi (1994) afirma que a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. “Pela memória, o passado não só vem à tona águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.”

Como é possível verificar no texto que é nosso objeto de estudo, a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora a ponto de a autora do texto buscar papéis para anotá-las, como forma de burlar o esquecimento e como válvula de escape de uma vida atormentada pela pobreza e marginalidade; uma dor perene diante da impotência de uma vida marginalizada. O fato de escrever lhe proporciona uma oportunidade de manter a sanidade.

Sobre a escrita autobiográfica, Margareth Costa (2013), em sua tese intitulada *Sóror Juana Inés de la Cruz: Autobiografia e Recepção*, argumenta que a autobiografia está intimamente relacionada

com outros gêneros vizinhos dentre eles se encontram: a biografia, as memórias, o diário e o testemunho, os relatos, as histórias de vida entre outros textos que tratam da escrita de si.

Sob essa ótica, a construção da subjetividade surge dessa relação com o mundo social, e que a relação entre indivíduo e sociedade implica na consideração da subjetividade e da objetividade na perspectiva da constituição recíproca de um e de outro. Sendo, portanto, a subjetividade constituída por fatores internos e externos, no qual, a forma que o sujeito se percebe, está intimamente ligada com as relações sociais que se estabelecem em um contexto específico, decorrente de condições histórico-sociais.

De modo geral, estudar subjetividade é procurar no indivíduo as marcas da sociedade. Ou seja, dizer que o indivíduo é mediado socialmente, não significa que ele seja afetado externamente pela sociedade, mas sim que se constitui por ela, isto é, pela sua introjeção. Assim, a psicologia, para entender as questões que se referem à subjetividade, deve compreender as finalidades, as instâncias, os meios, pelos quais uma determinada cultura forma o indivíduo.

Com relação ao termo Miséria, pode-se dizer que é um estado de extrema escassez de recursos básicos à sobrevivência. Em outras palavras, é a pobreza elevada ao seu extremo, ausência de meios materiais e sociais que possibilitem o existir ou pelo menos o continuar existindo.

De acordo com Willemart (2005), este texto de Carolina Maria de Jesus se encaixaria não como autobiografia, mas como autoficção considerando que a autora, ao escrever seu diário, voltou várias vezes ao mesmo, leu e releu outras vezes o que ia escrevendo e nesse ir e vir, rasurava sua escrita, escolhia as palavras com calma. Além disso, ela foi sua primeira leitora ao transformar seu diário em livro, fato que lhe permitiu editar algumas informações, e desta forma já nascia aí uma ficcionalização.

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima. (LEJEUNE, 2008, p.24)

A identidade se define a partir de três termos: autor, narrador e personagem. Narrador e personagem são as figuras as quais remetem, no texto, o sujeito da enunciação e o sujeito enunciado. O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por força do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação. (LEJEUNE, 2008, p.36)

Zinani (2014), que tece considerações acerca da literatura marginal, constituída com uma linguagem própria, e salienta o confronto entre a expressão de uma minoria e a arte canônica da classe dominante, define de forma precisa a obra constituída neste texto, uma vez que literatura

marginal é “aquela produzida por afrodescendentes e por mulheres, na medida em que buscam modalidades de representação próprias”.

Em uma leve aproximação com Foucault (2009), poderíamos indagar que sob a pauta cotidiana da pobreza, das misérias e da luta diária pela sobrevivência, (des)vela-se um entrelaçamento de jogos políticos, ideológicos, sociais, históricos e econômicos em *Quarto de Despejo*. De tal modo, segundo esse autor: “[...] uma cadeia política inteira vem entrecruzar-se com a trama do cotidiano” (2009). Nesse sentido, “o mal minúsculo da miséria e da falta venial já não é remetido ao céu pelo segredar quase inaudível da confissão; acumula-se na terra sob a forma de traços escritos”. (FOUCAULT, 2009).

Ainda segundo Foucault (2009), “a pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.” O desejo do sujeito na posição de autoria é pontuar os dias, anotá-los com o legítimo anseio de preservá-los e também preservar a si mesmo da solidão, da miséria e até mesmo da loucura. Escreve para preservar não somente os dias repetíveis nas misérias, nas injustiças, mas efetivamente, porque sonha/ambiciona deixar um legado do seu tempo, visto pelas singularidades de uma função autor, chamuscada pelas contradições de um sujeito entrecruzado por tantos outros “eus”.

Passemos então à exploração efetiva do corpus:

É interessante ressaltar que toda a narrativa é permeada de elementos situacionais que se mostram comuns no cotidiano da favela, tais como: a violência física, verbal, infantil e doméstica, a prostituição, o alcoolismo, intrigas e a inveja – um extremo contexto de vulnerabilidade. E quando se sente ameaçada ou ofendida, ela revida assim:

“Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo o que aqui se passa. E tudo o que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos” (p.17). [...] E o pior nas favelas é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. [...]...A favela é o quarto das surpresas. (p.40)

Notamos, contudo, que para seguir na lida em um ambiente tão afetado por misérias, Carolina cria através da literatura um mundo impossível, de fantasias, um mundo que lhe permita sonhar e é com essa perspectiva que ela escreve: “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (p. 52). Ou ainda em “... Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando.” Verifica-se que há um processo de subjetividade, sentimentos que o indivíduo deixa escapar e com suas

palavras a memória individual, as impressões, a memória afetiva, suas dores e as dores dos companheiros de infortúnio estão presentes.

Percebemos também que a relação território-identidade é muitas vezes conflituosa, ocasionando até mesmo expressivo repúdio pelo ambiente em que vivia. Carolina rejeitava qualquer ligação emotiva, qualquer traço que a identificasse com a favela. Ao comentar sobre suas frequentes idas para buscar água, a autora afirma ter “*pavor destas mulheres da favela*” (p. 12), denotando com isso certo distanciamento e certo grau de não identificação com a própria comunidade. Sentia-se deslocada e por isso não se reconhecia na figura de suas semelhantes de infortúnio.

O olhar da narradora sobre a cidade como um todo revela seu lado crítico a respeito do papel da favela e do seu próprio em tal contexto:[...] *Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos* (p. 28). Estas afirmações, a nosso ver, já demonstram o não pertencimento da autora/narradora de *Quarto de Despejo*, ela não se sentia pertencente a toda aquela pobreza. Seu lugar era outro, mas como esse outro lugar lhe era inacessível nesse momento, o que vemos é uma tentativa de não identificação com o lugar e com as pessoas por sentir-se e desejar ser diferente.

A mesma tônica se verifica neste outro trecho: *Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.* (p.33)

Apesar do pouco acesso à escola, é através da escrita que Carolina se liberta das agruras diárias: “- *Nunca vi uma preta gostar tanto de ler livros como você*” (p. 23). Ela discorre que todos têm um ideal, sendo o dela o gosto por ler, que o livro é a melhor invenção do homem, e que ainda prefere escrever a discutir.

12 de junho- Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever.

... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldade para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros (p.36). É no ato da escrita que a autora se vê como alguém que tem algo a dizer dentre tantos outros e outras sem voz. E com um propósito não somente individual, mas coletivo.

Inúmeras são as passagens em que há descrição da fome a qual muitas vezes passa do limite do suportável. Esse é um elemento fortemente presente no cotidiano da favela, e nossa narradora enfatiza incansavelmente a busca por doações, a falta de dinheiro para comprar comida, o auxílio de algumas vizinhas e até mesmo a procura em lixos pelo alimento: “*Ontem comemos mal. E hoje pior.*” (p. 120). Isso significa que as previsões para o que ontem foi escasso são ainda mais desanimadoras para o agora.

Nesse aspecto, o efeito da saciação da fome é descrito entusiasticamente: “*A comida no estomago é como o combustível das maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. [...] Comecei a sorrir como se estivesse presenciado um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (p. 40).*” Comer, este verbo tão corriqueiro e natural para a maioria das pessoas, para a narradora representava o divisor entre ânimo e desânimo tanto físico quanto emocional.

Pela falta de alimento e pelo custo da vida, Carolina evoca o sentimento de suicídio como solução rápida para o sofrimento. Por vezes registra sua perda de interesse pela existência, mas não tem coragem para concretizar o ato contra sua vida. O ponto de desespero que podemos perceber é na passagem a seguir: *Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (p. 153).*

Percebemos no trecho acima, a que ponto pode chegar a interferência psicológica exercida pela presença da dor, da fome, das mazelas sociais dos moradores da favela que, semelhante à narradora, deveriam passar pelos mesmos sentimentos de impotência.

Os dias seguem numa repetição da falta de prosperidade e das adversidades dos favelados. Nesse caso, o último dia de relato no diário- 1 de janeiro de 1960- “*Levantei as 5 horas e fui carregar água.*” (p.191), facilmente pode ser, como efeito cíclico, o reinício dos primeiros dias anotados – 16 de julho de 1955- “*Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água.*” (p.12). A luta do sujeito personagem é sempre a mesma: buscar água, fazer a refeição para os filhos e ir catar papel/ lixo.

Diante do exposto, podemos dizer que Carolina Maria de Jesus, enquanto sujeito autobiográfico/ ficcionalizado em *Quarto de despejo- diário de uma favelada*, expressa a sua subjetividade acionada pelos insistentes e repetitivos gatilhos da miséria em que vive com seus filhos no contexto adverso da favela Canindé num ciclo contínuo que sugere o infundável.

Esta pesquisa nos levou a constatar, através da voz da narradora/protagonista/ autora de *Quarto de Despejo*, que a dor, a tristeza, a impotência de tantas outras Carolinas, Marias, que conviviam no mesmo espaço da favela, configuram um elemento que separa e junta os personagens ficcionalizados desta obra literária que vivem o mesmo cotidiano e a mesma falta de perspectivas. Estes são elementos ativadores de uma subjetividade que se projeta nos relatos dessa autora autoficcionalizada em sua obra.

Ao nos apresentar suas memórias em seu diários, a narradora é levada a bordar também as memórias dos que dividem com ela o mesmo espaço de marginalidade e exclusão. Assim, não é somente a imagem de si que ela constrói, mas a memória subjetiva da narradora aponta para uma

mulher como tantas outras que luta para não submergir e que grita sua dor e sofrimento através da escrita subjetiva de si.

Referências

BOSI, Ecléa; Memória e sociedade, São Paulo; Companhia das Letras, 1994

COSTA, Torres de Alencar, Margareth. Sórora Juana Inés de la Cruz: autobiografia e recepção. Recife, PE. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2013.

FOCAULT, Michel. O que é um autor?, Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa, 7ª edição, Passagens, 2009

GALE, Helmut, org. e Outros: Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, Fapesp, FFLCH, USP, 2009

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inés Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

WILLEMART, Philippe. Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise. São Paulo; Perspectivas, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. ANTARES, v. 6, n. 12, p. 183-195, jul./dez. 2014. Disponível em www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/3059/1814

BRAIT, B. Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FIORIN, J. L. “A noção de texto na semiótica”, in: Organon, v. 9, n. 23, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SAVIOLI, F. P. Para entender o texto: leitura e redação. 18 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MEIRELES, M. M. Sujeito (s), Representações, Discursos e Identidade (S) Polifônica (S): entrelaçando conceitos. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Campinas, 2012. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/MEIRELES_MAXIMIANO_MARTINS_DE.pdf. Acesso em: 19 de dezembro de 2016.

NASCIMENTO, E. P. Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de abril de 2017